
**TENDÊNCIAS PROGRESSISTAS E
CONSERVADORAS NA IMPRENSA PERIÓDICA
FEMININA PORTUGUESA DE OITOCENTOS**
Progressive and Conservative Trends in the Portuguese
Women's Periodical Press in the 19th century

Ana Costa Lopes¹

RESUMO: A imprensa periódica feminina do século XIX foi, em Portugal, palco da luta pela afirmação das mulheres contra a desigualdade de género e contra a discriminação. Pugnaram as oitocentistas contra tabus e preconceitos de ambos os sexos que impediam a igualdade de direitos civis e políticos, as diversas “emancipações”, a paridade na instrução e o exercício de uma profissão. Ao contrário destas, outras colaboradoras defenderam posições conservadoras. Este artigo pretende mostrar aspectos do diálogo entre estas duas tendências, privilegiando a primeira.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Periódica Feminina; Progressistas e Conservadoras

ABSTRACT: The nineteenth-century women's periodical press was in Portugal the scene of the struggle for the affirmation of women against gender inequality and against discrimination. These women fought against taboos and prejudices of both sexes that prevented equal civil and political rights; the various “emancipations” parity in the education and practice a profession. Contrary to these, other contributors defended conservative positions. This communication intends to show aspects of the dialogue between these two tendencies, favoring the first.

KEY-WORDS: Women's Press; Progressive and Conservative Women

Começo por agradecer ao Professor Alvaro Simões Junior o convite para participar deste *V Encontro Luso-Afro-Brasileiro: As Mulheres e a Imprensa Periódica*, o que muito me honra. Aproveito para felicitar toda a equipa responsável por este notável projecto por dar visibilidade ao trabalho intelectual das mulheres ao longo dos séculos; por as não deixar esquecidas na penumbra dos tempos.

A História das Mulheres de outros países, tal como a portuguesa, estará, durante muitos anos, por escrever, como nos têm vindo a demonstrar investigadoras e investigadores destas áreas nos seus múltiplos trabalhos.

¹ Docente da Universidade Católica Portuguesa. e investigadora do CLEPLUL, Univ. de Lisboa.

Ao tratarmos nesta apresentação dos periódicos femininos portugueses, entendemos, por isso, todos os dedicados a este sexo, independentemente da direcção deles ser masculina ou feminina. Cingimo-nos ao período de 1807 a 1890 e aos disponíveis nas bibliotecas. Guiámo-nos inicialmente pelo levantamento de Ivone Leal (LEAL, 1992) ao qual acrescentámos outros durante a nossa pesquisa (LOPES, 2005, p. 673-4). Apenas destacaremos, deste longo período, por motivos óbvios, algumas das muitas personalidades e publicações periódicas que se evidenciaram mais pelas ideias progressistas pois as conservadoras eram a tónica dominante; também serão aludidas.

Apesar de nos centrarmos, aqui, exclusivamente, na imprensa periódica feminina oitocentista, esta está intimamente ligada à masculina e por diversos motivos. Não cabe desenvolver agora esta questão capital; apenas recordaremos que se deve aos Românticos e às ideias da Revolução Liberal de 1820, entre outros factores, a democratização da imprensa periódica para os dois sexos e as metamorfoses a ela ligadas. Garrett e Herculano transgrediram as normas dos intelectuais de Setecentos, deveras elitistas e, ao fazê-lo, tornaram-se os promotores de uma grande mudança da cultura e da mentalidade vigentes.

Estes escritores, seguindo as novas tendências da época, e traindo as velhas, não privilegiaram o livro como única forma de divulgação da cultura; abandonaram a rigidez dos cânones e das formas e géneros convencionados e as necessárias referências culturais greco-romanas para poderem contactar de forma simples e directa a população, em geral, mais concretamente, como eles diziam, “o povo”. O objectivo era ilustrá-lo acercando-se dele com matérias de carácter enciclopédico. Mas, de facto, como sabemos, era a pequena e grande burguesia que os lia, a mesma a consultar os periódicos femininos, pois lamentavelmente o analfabetismo grassava, como os dados estatísticos o revelam, e as medidas tomadas para o erradicar nunca foram suficientes. Iniciaram sistematicamente a colaboração e/ou direcção de periódicos. A *O Panorama* e à *Revista Universal Lisbonense* se associaram uma plêiade de seguidores, os notáveis de então. E estes, dos menos aos mais conhecidos de ambos os sexos, passaram a exercitar a sua arte, sem peias, em muitas outras publicações, pelo país fora; uma grande conquista destes autores.

Garrett e Herculano tinham como missão instruir e atingir um público cada vez mais alargado. Conseguiram o segundo objectivo com muito êxito em *O Panorama*. Comprova-o, por exemplo, o substancial aumento de leitores e leitoras nos 5.000 exemplares vendidos, em 1837.

Muitos consideram e, com razão, o periodismo uma verdadeira revolução. Na verdade, distinta é não só a novidade da utilização da imprensa periódica, mas também as questões veiculadas. Deste modo, Garrett e

Herculano introduzem e vulgarizam múltiplos temas como os ligados à educação; à história, ciência, arte, agricultura, de entre tantas outras áreas. Também os textos de ficção dos autores consagrados, alguns inéditos, passaram a surgir, pela primeira vez, nos periódicos.

Para além das muitas dívidas àqueles escritores temos ainda de mencionar o facto de se dever a Garrett a publicação de um periódico feminino, em 1822. Mas não nos podemos também esquecer das nossas Setecentistas. Não se intimidando com nada e adaptando-se facilmente aos novos tempos deram elas, logo no início de Oitocentos, o seu contributo em muitas dessas folhas, primeiramente só de direcção masculina. Paralelamente continuavam a dirigir os seus salões literários, a escrever os seus livros ou a traduzir. Todas estas posturas femininas motivaram muitas; e muitas lhes seguiram este caminho. Podemos conhecê-las na imprensa periódica do século XIX feminina ou masculina e também nos gráficos realizados especialmente para este Encontro.

À laia de resumo podemos dizer que os três gráficos abaixo colocados nos dão imediatamente uma visão das oscilações do movimento do periodismo feminino português de 1807 e 1890; as barras cinzentas indicam o nascimento de periódicos no ano referido e a barra laranja a indicação numérica dos cargos ocupados pelo sexo feminino. Como se pode ver há um grande hiato, no início do século, de 1807 a 1821, e de 1824 a 1835 saindo apenas 5 periódicos. Mas de 1836 a 1849 aparecerão mais do dobro: 12. Só no ano de 1836 vieram a lume 5. A partir do meio do século até 1870 contabilizámos 17, mas o do último ano é um almanaque. Este número crescente tem de ver com o maior número de mulheres a colaborar na imprensa periódica e de diversas maneiras o que não aconteceu de 1871 a 1876, apesar de já estarem bem à vontade neste empreendimento. Nas duas últimas décadas contabilizámos 27 periódicos.

Apesar de não termos quantificado as colaboradoras num gráfico, tarefa que exigia outro tratamento informático, podemos assegurar, pelos milhares de textos consultados, existirem elas às centenas. Começaram a exercitar as suas penas na imprensa periódica masculina para depois transitarem para a feminina. Não sabemos se estas primeiras colaboradoras serão, de facto, transgressoras, pois fazem-no a convite dos intelectuais amigos, retribuindo, afinal, as invitações para os seus salões. Posteriormente, foram, de facto, infractoras.

Sabemos, a este propósito, das ideias conservadoras do jovem Garrett e de muitos outros a este propósito, pois, no princípio do século, defendiam para as mulheres os velhos tradicionais papéis femininos e estas ideias iam ganhando força, o que não era nada difícil, como se pode constatar nos artigos da imprensa. Será que a ausência de periódicos femininos entre 1824 e 1835 reflecte também isso? Certo é duas mulheres contrariarem esta

corrente ao assumirem cargos “masculinos” nas publicações de 1836 como veremos adiante. Uma delas dirige-a durante muito tempo e com eficácia e sucesso, colocando um forte alicerce na história do periodismo feminino, apesar de uma nova irregularidade na curva do gráfico até 1849 como já se referiu.

A partir daqui e até 1869, os periódicos proliferaram com muito sucesso e com gente muito ousada para logo decrescerem na década de 70, principalmente nos 6 primeiros anos, aquando da erupção da Geração de 70. Concluindo diremos que, se o início do século foi parco em publicações femininas, na década de 70 também o foi, apesar de haver mais uma; só gradou um almanaque feminino, o de Guiomar Torrezão, em 1870. Isso coincide com a repressão, hegemonia e hostilidade da Geração de 70 contra as intelectuais, mas não só; afinal, contra quem a ela se opusesse.

Até ao final de 1890 há um tímido ressurgir dos periódicos femininos para um aumento significativo como pode ser observado nos gráficos abaixo colocados.



Figura 1. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques nos anos de 1807 a 1839 (não contando com as colaboradoras).

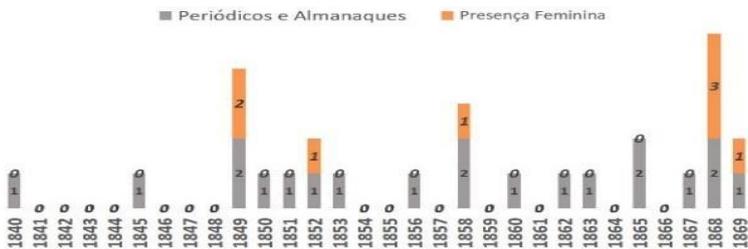


Figura 2. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques durante as décadas de 1840 a 1860 (não contando com as colaboradoras).

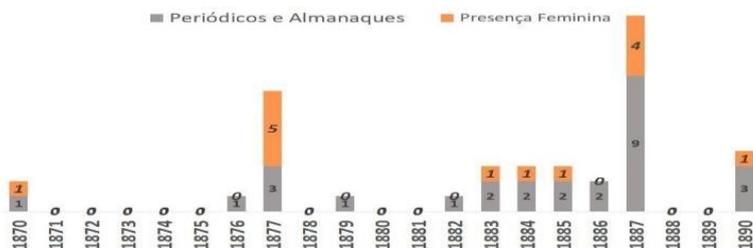


Figura 3. Gráfico acerca da presença feminina em periódicos e almanaques nos anos de 1870 a 1890 (não contando com as colaboradoras).

Mais um outro gráfico, abaixo, dá conta do comportamento modelar das periodistas de 1807 a 1890, pois conseguiram igualar-se nas funções e cargos ao outro sexo apesar das muitas dificuldades existentes. Podemos observar todas as funções por elas exercidas e, apesar de serem todas muito importantes, as de proprietária e directora eram de maior responsabilidade e poder. Na verdade, não foi fácil a conquista destas funções por mor da mentalidade vigente. Tudo era transgressão nesta época e é necessário ter sempre isso presente.

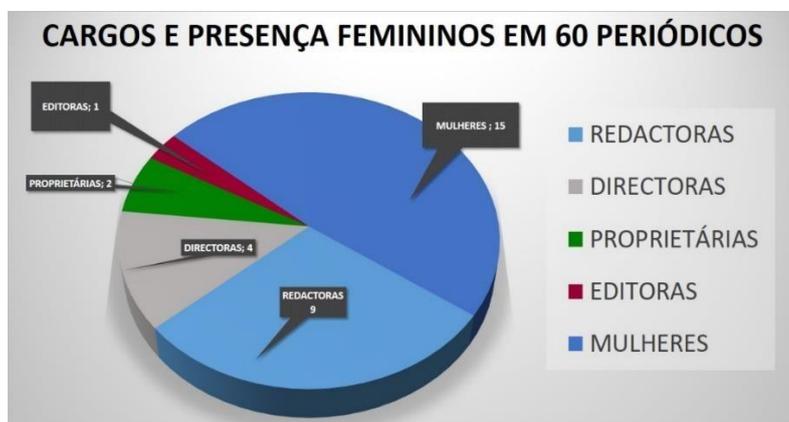


Figura 4. Gráfico acerca dos cargos e da presença das mulheres em periódicos e almanaques.

Por questões de espaço não podemos mostrar todos os gráficos e esquemas que fizemos especialmente para este nosso Encontro e nos quais identificámos os periódicos, datas e local de procedência, seu nascimento e

morte; seus directores/as e redactores/as; respectivas intervenientes, suas ocupações e a sua expansão por Portugal e outros países.

Fica clara a múltipla actividade das mulheres na imprensa periódica feminina de 1807 e 1890. Privilegiámos o *Correio das Modas* (1807) por ser o 1º periódico dedicado ao sexo feminino e com responsabilidade masculina. Folheamos os seus cinco números com figurinos e “secções recreativas” e ficámos elucidados quanto ao tipo de mulheres que abarcariam.

E se nesta publicação não há colaboração feminina ela aparecerá, na imprensa masculina, umas vezes com pseudónimos, não sendo o caso da *Exortação às Nobres e Ilustres Damas Lisbonenses e Brasilienses e ao Sexo Feminino de Todas as Classes manifestando o seu patriotismo*, em 1809, da autoria de Dona F. J. R. e S., facilmente descodificável, na sociedade de então. Outras deixam o seu nome gravado para memória futura, como é o caso da notável Mariana Maldonado ao identificar as suas poesias no *Investigador Portuguez*, no *Jornal Poetico*, em 1812, e no *Portuguez Constitucional*, em 1820. Dedicava ainda uma ode a Gomes Freire de Andrade aquando da sua morte. Outro caso é o da não menos insigne Viscondessa de Balsemão que deixa um Soneto assinado ... *Pela Feliz aclamação de sua Majestade* ... no dia 4 de Julho de 1823, em livro. A partir de 1835, Maria José Canuto ou “Por uma Lisbonense”² fez sair um soneto em *A Guarda Avançada* (61) para logo, em 1836, publicar em *O Procurador dos Povos* e *O Democrata*. Não mais pararia.

Passados 15 anos do aparecimento do *Correio das Modas* surgem duas publicações, em 1822, a *Gazeta das Damas* e *O Toucador*, deveras importantes por serem como que o prenúncio das ideias antagónicas deste século. A primeira, célebre folha, sem política, como insistem os seus fundadores, Garrett e Luís Midosi, seguem uma visão conservadora do papel da mulher, remetendo-a para o próprio toucador como o título indicia. As rubricas “Bailes”, “Jogo”, “Modas”, “Namoro”, “Passeios” e “Teatro” encaminham-nas para as actividades mundanas, para as rendas e fatos e embelezamento, qual ornamento de salões, objectos de luxo; mulheres ociosas. Ignora Garrett as cultas setecentistas com quem conviveu e ainda convivia, aliás a quem tanto devia a nível intelectual... Mas o seu livro sobre a Educação e as cartas à sua filha não deixam qualquer dúvida sobre o seu lado conservador aqui expresso ao de leve.

² Informação retirada do livro de: CRUZ, Eduardo da. *Maria José da Silva Canuto 1812-1890*, Estudo e Antologia, Coleção Senhoras do Almanaque, dir. Isabel Cruz Lousada e Vânia Pinheiro Chaves. Lisboa: CLEPUL ; CICS.NOVA; Biblioteca Nacional de Portugal, 2017.

Esta folha sem qualquer colaboração feminina rivaliza neste e, em muitos outros aspectos, com a *Gazeta das Damas*, 1822, apesar de também ter uma facção mais conservadora. Proclama-se ser “um periódico com política” para instrução das “tão benévolas leitoras dos negócios políticos.” As mulheres surgem como comentadoras e também como críticas do *status quo* existente, algo de inédito a nível público. Insurgem-se contra a prepotência intelectual masculina, contra a misoginia e defendem a igualdade das capacidades intelectuais de ambos os sexos apresentando inteligentes argumentos. Chamam a atenção às suas conterrâneas para estes aspectos. Aconselham ainda as do seu sexo a estudar e a pensar reclamando os benefícios e não os perigos da instrução como lhes era transmitido, mote este amplamente glosado em todo o século, por ser grande preocupação e objeto de luta dos e das liberais. A instrução, estavam elas conscientes, permitiria outros avanços e horizontes.

Expõem também estas colaboradoras preocupações sociais para com as pensionistas, um grupo deveras desprotegido, ao longo dos tempos, e intercedem a seu favor tal como Antónia Pusich o fará na década de 50 nas Cortes, hoje Assembleia da República. Passado um ano nascerão mais dois periódicos: o *Diálogo das Duas Velhas* e *O Periódico das Damas*, ambos da responsabilidade masculina, mas o último com colaboração do outro sexo. Em 1836, o gráfico surpreende-nos com a quantidade de periódicos vinda a lume (5) e mais ainda com a qualidade e a novidade de 2 deles que serão, provavelmente, responsáveis por alterações significativas na imprensa periódica feminina. Até finais da década de 60 assistiremos a um grande empenhamento das mulheres na imprensa periódica e a grandes mudanças num crescer até 1870. Apesar dos condicionalismos existentes muitos intelectuais as aceitaram e elogiaram. Vemos, assim, nascer, em 1836, a *Abeille* de Catherine de Andrada e *As Tardes de Verão ou o Divertimento das Damas*. O relevo do segundo deve-se ao facto de ter sido o primeiro periódico a ser dirigido por uma senhora, garantia de Silva Pereira, em 1883, em *A Mulher*. A Directora de *As Tardes* mostra inédita coragem, em 1836, e determinação com o seu procedimento. Apenas tivemos acesso a um número onde se manifestam os objectivos da publicação e mais nada há a assinalar. O mesmo se não pode dizer da *Abeille*.

Depois das muitas colaborações pontuais do sexo feminino surgem, durante quatro anos (1836; 1840-1843) este periódico feminino, em língua francesa dirigido, na sombra, por Catarina Douthat de Andrada e com a sua participação. Apesar do seu marido, Francisco de Andrada se arrojar como Director da *Abeille* certo é a sociedade portuguesa saber ser o cargo desempenhado por sua mulher quando ele, por graves motivos políticos, se ausentava do país por longos períodos. É a primeira vez que uma mulher assume empreendimentos novos de tal envergadura, exigentes e diferentes

dos usuais para o sexo feminino e, durante tantos anos, assistindo, mesmo ao lado, ao fenecimento de periódicos dos seus colegas, logo ao primeiro número. Na verdade, desde a primeira hora, ela levou a cabo as diversas tarefas a que uma publicação obriga e com muito profissionalismo e sucesso. As responsabilidades assumidas com o periódico, com o público e as matérias introduzidas valeram-lhe os maiores encômios de colegas do ofício, de entre os quais os do *Correio de Lisboa* e da *Revista Universal Lisbonense*, sem nos esquecermos, a outro nível, de outros prestigiados intelectuais como Garrett e Silvestre Pinheiro, que também a encomiaram, promovendo-a na área da docência. Ciente dos perigos de todos estes louvores públicos a ela atribuídos no *Correio de Lisboa* escreve estrategicamente o seguinte:

Sr. Redactor: Acabo de ver, no seu estimável jornal de hoje, um artigo que diz respeito ao jornal francês — *A Abeille* — muito lisonjeiro, por certo; mas a menção que aí faz do meu nome paralisa-me infinito; porque não pode uma senhora ver o público ocupar-se dela, e menos a ausência do marido. Ainda que verdadeiramente grata pelo interesse que V. mostra pela *Abelha*, peço-lhe se sirva de inserir sem falta, na sua folha de amanhã (20-10-1841) esta minha carta (ANDRADA, 1841, p. 175).

Mais explica não ter sido, a seu pedido, a inclusão do seu nome. No entanto, os redactores que sobre ela escreveram legitimaram a justiça das aferições feitas. O marido excluído não gostou dos enaltecimentos e resgata o seu nome como director da publicação. De pouco lhe valeu, pois todos o sabiam ausente. O grande sucesso na demonstração de atributos em que se igualava ao outro sexo nos aspectos intelectuais foi estrategicamente gerido por ela face às reacções negativas do consorte conservador e violento. Mas o ambiente estava propício à afirmação do sexo feminino e, talvez, por isso, também se tenha assumido, em 1842, como directora de pleno direito da publicação. É nesta data que agradece ao público todo o apoio extraordinário que recebeu recolhendo os louros do seu trabalho.

Mostra inaudito denodo ao transgredir os convencionais papéis femininos e procedendo como se não houvesse áreas privilegiadas de actuação continua o posicionamento das suas antecessoras. Não se deixando condicionar e intimidar pela opressão do marido, soube gerir estrategicamente os *timings* da sua actuação, algo comum a muitas. Outras lhe seguiriam os passos.

Catherine introduziu nas páginas da *Abeille* artigos ou excertos de livros inabituais, desconhecidos do grande público, em Portugal, e este também foi um acto arrojado, pois alguns deles não eram textos de mero

entretenimento, mas muito de reflexão sobre as mulheres e provocatórios por negarem as opiniões do outro sexo. Deu cautelosamente visibilidade a algumas das matérias apresentadas oscilando entre posições progressistas e conservadoras. Os autores ou autoras, utilizando, por vezes, o anonimato como convinha, reflectiam sobre a condição do sexo feminino; sobre uma novíssima história das mulheres, nem estandardizada, nem homogénea, nem falocrata, mas por elas pensada e redigida. A autora com grande lucidez equaciona o modo como esta devia ser pensada e escrita pois devia ter-se em conta a influência da educação, dos costumes, dos comportamentos, entre outros dados. E embora sintetizada, ela está cheia de reflexões que apontam para problemas acerca da condição das mulheres que viriam, mais tarde, a ser discutidos à exaustão. Veja-se a pertinência disto. Podemos ainda ler, no artigo “De la condition sociale des femmes au dix-neuvième siècle”, o percurso das setecentistas mostrando-se também a redactora ciente da situação e das obras saídas no estrangeiro, assim como das posições das mais esclarecidas. É importante referir como o casamento e a instrução aqui tratados serão também temas glosados, na imprensa periódica feminina, ao longo de todo o século, e de maneira detalhada. Ela adverte as leitoras que a instrução as livraria de muitos problemas, inclusive de casamentos desastrosos, que, como sabemos, era o dela. De facto, estas questões são o prenúncio de batalhas futuras ligadas também à emancipação, ideia referida nesta revista, outro *leit-motiv* deste século.

Num outro artigo, intitulado “Les femmes d’esprit et les femmes savantes”, alude às bem-sucedidas intelectualmente como Madame de Stäel, Madame de Sévigné, Madame Dudeffant, entre tantas, e sublinha que, para além de uma vida de estudo e reflexão, discutiam em público múltiplas questões como o outro sexo. Estas transgressões coabitam no periódico com as ideias conservadoras do género das defendidas por Garrett sobre a exclusividade das funções de mãe, esposa e dona de casa, ideologia que regressará em força com os seguidores de Proudhon: com a Geração de 70. Mas, por enquanto, vivia-se uma época de aceitação de diversas ideias e posições. Catherine, por precaução, inclui vozes das mais progressistas: “A mulher é livre! Nem o seu corpo nem a sua alma estão carregados de nenhuma peia, sujeitos a nenhuma dependência! [...] Livre diante de Deus, diante dos homens, diante da lei” (*Abeille*, 1836, p. 501) às menos encaminhando-as, logo de seguida, para casa. Mas os procedimentos de Catarina são o oposto disto, pois assume as funções da *Abeille*, primeiramente na invisibilidade. Não fez mais do que propagandear os dotes intelectuais das mulheres, elevando a publicação a outro patamar. Cortou a ideia estereotipada e sexista de que os periódicos femininos deveriam ser preenchidos com futilidades pelas matérias introduzidas oscilando entre posições progressistas e conservadoras, provavelmente adequando-se aos

tempos em que vivia. Para ela os periódicos são porta-voz de multifacetadas ideias e também actualizam as leitoras sobre estas questões.

Esta francesa será, para além do mais, responsável por uma grande viragem na imprensa periódica feminina pelos cargos que assumiu corajosa e abertamente. Foi um exemplo a seguir. A sua publicação com uma longevidade invejável terminou por questões financeiras.

Mencionámos, no nosso Encontro, o *Correio das Damas* (1836-1846; 1849-1852), dirigido pelo sexo masculino durante 13 anos, e o *Beija-Flor* (1838-1842), ambos com colaboração feminina, e no ano do primeiro periódico referido aparece também *O Mundo as Avestas* (1849), na continuação do espírito de Catarina de Andrada, mas à laia de uma brincadeira. Sonham as colaboradoras com o exercício do poder feminino. Para tal invertem completamente a ordem de tudo, e tudo é permitido graças ao uso de pseudónimos.

As intervenções femininas vão-se diversificando muito nas diferentes publicações sendo algumas ousadas para a época. Se as colaboradoras de *O Mundo às Avestas* precisaram daqueles subterfúgios para se expressar livremente, o mesmo não acontecerá com Antónia Pusich (1805-1883). Esta encara a igualdade com naturalidade e frontalidade e assume tudo indiferente a qualquer contrariedade ou oposição. Inaugura uma nova era na continuação do trabalho e caminho da francesa, sua antecessora e amiga. Pusich dedicou-se à literatura — escreveu romances, poesias e peças de teatro — e deixou importante legado cultural.³ Foi pianista e compositora, em suma, mulher de talentos múltiplos e de força inabalável. Consciente do seu valor e do seu papel na sociedade, afirma-se sem peias sem nunca desistir de nada. Parece ter pertencido à Primeira Loja Maçónica Portuguesa Feminina.

Para além disso, responsabiliza-se, entre 1849 e 1859, por três periódicos: *A Assembleia Literária* (1849-51); *A Beneficência* (1852-55) e *A Cruzada* (1858-59). Será proprietária deles, mais outra grande inovação e conquista, tendo assim o poder de decisão sobre os seus textos, as suas folhas e colaboradores; exerceu simultaneamente os cargos de redactora, directora e colaboradora. Muito elogiada pelos da sua época, tal como Catarina, foram os seus textos e as suas atitudes ora apreciadas, ora rejeitados pelos mais conservadores.

Considerada a primeira jornalista portuguesa, leva muito a sério este seu ministério, que encara como missão. Assume com responsabilidade este seu cargo perante os leitores. Identifica-se sempre, manifesta a sua opinião sobre qualquer assunto, menoscabando as discriminações existentes face às mulheres. Mais afirmativa publicamente do que as antecedentes, continua o caminho da igualdade e da visibilidade das do seu sexo, mas de

³ O último texto conhecido até agora, *Homenagem a Luiz de Camões*, 1880.

forma mais agressiva. Domina o espaço da imprensa com nobres empreendimentos, como o da instrução dos e das mais desfavorecidos. Ligada ao grupo de Castilho, grande promotor da vida intelectual das mulheres e do voto para estas, tinha por meta, seguindo este mestre, a irradicação do analfabetismo, projecto que levou muito a sério com Maria José Canuto e Catarina de Andrada, entre tantas fazendo um notável trabalho.

Com tais objectivos, ela e os seus colaboradores de ambos os sexos tratarão destas questões. Lutam contra os progenitores que proíbem a alfabetização das filhas por considerarem ser um acto perigoso e danoso; pugnam contra a falta de escolas e de docentes em todo o país. Analisam a situação e a docência em colégios, asilos ou ensino público, estudando cada um dos casos e demorando-se nos *curricula* dos professores, nas disciplinas a estudar e a mudar. Lastima ela as péssimas condições de trabalho dos docentes, a falta de qualificação de alguns e os magérrimos honorários. Apresenta soluções para reverter tudo isto. Queixa-se ainda da má gestão de verbas que prejudica sempre os mais desfavorecidos e apresenta diversas soluções.

Para o cumprimento desta cruzada segue, divulga, elogia e aconselha o *Método Repentino de Leitura* de Castilho para educação de todas as classes, principalmente das menos favorecidas. Encomia a corajosa opção de Maria José Canuto pela metodologia referida, pois arriscava o seu lugar de professora e o seu sustento. Apesar de ter elevado apreço pelo Mestre, Pusich é tão honesta, imparcial, independente e corajosa que lhe critica alguns aspectos do *Método* na sua publicação, fundamentando e esclarecendo sempre logicamente a sua atitude. E, responsável como a conhecemos, assina o artigo.

As transgressões não se ficam por aqui. Muito sensível à injustiça social atreve-se a denunciar, nas suas folhas, as irregularidades e falta de transparência nas instituições públicas de que conhecia os podres, como a corrupção do Conservatório mostrando as contas irregulares e acusando os seus administradores. Fez também das suas páginas um local de acusação destas anomalias pois incomodavam-na. Nada lhe escapa.

A sua vertente social é ampla e está presente em todas as revistas. É, por isso, gratificante ver a sua solidariedade relativamente ao enxame de crianças pedintes e abandonadas à sua sorte, em Lisboa; às irmãs de caridade expulsas dos conventos, por ordem dos liberais, para quem, na sua publicação, pede auxílio monetário para além de expor a situação miserável delas. Na mesma condição de pobreza estava a sua amiga Catarina de Andrada. Para ela faz festas para angariação de fundos.

A jornalista defende ainda, sem tréguas, a restituição das pensões, em atraso, às pensionistas órfãs e viúvas na indigência. Reclama os seus direitos. Fá-lo, nas Cortes, num local destinado ao público feminino, A

Galeria das Senhoras, pressionando diariamente os deputados com a sua presença e a do seu grupo. Posteriormente envia um Requerimento para a solução do problema. Age como uma cidadã de hoje com os mesmos direitos do outro sexo reivindicando tudo a que tinha direito; algo de inabitual, de excêntrico. E como desfecho, são humilhadas por certos deputados. Pusich defende-se no opúsculo *A Galeria das senhoras na Câmara dos Senhores Deputados ou as minhas Observações*, publicado em 1848. Encara o poder instituído com grande coragem e frontalidade; não se intimida com nada, nem se subalterniza ao outro sexo. No seu texto denuncia e avalia desapiedadamente a atividade dos Deputados; ridiculariza-os e descredibiliza as reuniões na Assembleia da República e muito do que lá se passava. Insurge-se com veemência contra um sistema político e social que discriminava as mulheres; que permitia, nas próprias Cortes, o exercício da calúnia com juízos ofensivos para a honra e dignidade delas quando elas lutavam pelos seus direitos. E, à falta de punições, identifica ainda os caluniadores daqueles actos indignos reveladores de uma desmedida prepotência e incivilidade pouco próprias de quem exercia cargos máximos da nação. Enfrenta os difamadores inteligentemente com a sua pena, afinal, na época, as armas do outro sexo. Guerra moral, guerra de comportamentos e de sexos, cada vez mais comum neste século.

Com certas acções e posições, das mais às menos radicais, Pusich e as suas colegas de ofício conseguiram impor-se junto dos mais conservadores dizendo, de múltiplas maneiras, que “existiam” e tinham um modo próprio de pensar; deram visibilidade aos seus pensamentos e acções. Dominou este espírito até ao final da década de 60, e isto foi possível graças ao apoio de alguns desta geração como Alexandre Herculano e Castilho, de entre os muitos admiradores dos dois sexos, mas também devido a uma solidariedade ímpar entre as mulheres.

Estas continuaram a sua porfia em muitos periódicos como *A Ilustração Feminina* de 1868, um dos nove vindos a lume, na década de 60, e dos quais seleccionámos apenas três. Esta *Ilustração*, para além das já habituais lutas pela igualdade, trata de matérias novéis e inabituais como a divulgação de uma associação feminina e a pugna de uma classe sem privilégios. O elenco feminino não é identificado na sua redacção. Ainda neste ano surge o primeiro jornal feminista português *A Voz Feminina* (1868-1869), seguindo-se *O Progresso* (1869), continuação do primeiro e com o mesmo cariz, da responsabilidade do casal Wood, Francisca e William. O primeiro teve uma vida atribulada a começar pela recusa de colaboração de algumas das notáveis como M. Amália Vaz de Carvalho e Amélia Janny por não se identificarem com as ideias destas progressistas e, por certo, com receio de perder privilégios, isto é, a posição no grupo intelectual a que pertenciam. De facto, os Wood e algumas das colaboradoras serão ainda mais

ousados, mordazes, e contundentes do que Pusich. Mas é preciso ter em conta ser já outra época, passados mais de 20 anos dos periódicos desta tão afoita jornalista. Os Wood traziam outros conhecimentos e experiências recentes de Inglaterra, onde tinham vivido e contactado com intelectuais progressistas. Sem complexos e numa posição de igualdade para com os parceiros do outro sexo, qual Pusich, voltam a dissecar juntamente com as colaboradoras a situação do atraso das portuguesas e, como ela, comparam instrução, hábitos e costumes de outros países em múltiplos aspectos; defendem a diminuição do elevado analfabetismo; batalham pela instrução de todas as gerações independentemente da idade e do sexo. Pugnam pela igualdade do ensino, por idênticas disciplinas para os dois sexos de modo a obter resultados equivalentes; desmistificam todas as desigualdades existentes entre os sexos e reivindicam a igualdade. Apontam, com muita objectividade, por vezes, de maneira crua os impedimentos concretos ao progresso intelectual feminino, criticando a educação doméstica e ridicularizando as fúteis como Pusich e muitas o fizeram.

Apresentam diversos projectos e soluções e pedem o parecer, no jornal, do público leitor: dialogam como Pusich e outras o tinham feito. Para além disso, querendo pôr o público a par destas ideias e movimentos modernos, incluíram debates, notícias e opiniões, cartas; discussões e testemunhos internacionais sobre múltiplos aspectos vedados ao sexo feminino como a emancipação e a condição das mulheres. Muito do material é oriundo de França, Estados Unidos e Inglaterra como os textos de Stuart Mill, Lemonier, Jules Terry, Marie Goegg, Hugo, Léon Richer, André Leo, entre tantos, dando conta das actividades destes. Difundem as discussões e iniciativas a nível internacional sobre o direito ao voto. William Wood, qual Castilho, quis levar ao Parlamento uma petição para obter o sufrágio feminino, mas as diligências foram infrutíferas, pois nem os estrangeiros aderiram.

De facto, Francisca Wood e as colaboradoras exorbitaram todas as competências atribuídas ao outro sexo com muito sucesso pessoal, mas nem a população nem a maior parte dos intelectuais estavam preparados para a mudança. Ainda recebavam o exercício intelectual da igualdade e a maneira desabrida e desafiadora dos Wood foi pouco eficaz.

O final da década de 60 representa um momento de viragem muito peculiar pois assistimos, cada vez mais, ao avanço e afirmação da progressista Geração de 70. Ela defende e difunde com grande hostilidade um ultraconservadorismo face ao sexo feminino. O gráfico é explícito como já vimos. Os Eças, Ramalhos e outros quejandos desta Geração, ao contrário da anterior, enviaram, à exaustão, as mulheres para casa para tratar exclusivamente da família e das tarefas domésticas, fazendo jus ao seu mentor, Proudhon. Inverteram sistematicamente tudo o que os e as

progressistas tinham defendido e afirmado a nível da emancipação, da igualdade, da educação e instrução femininas. Aproveitam todas as folhas para as guerrear e ridicularizar de modo misógino, mas muito lúdico, captando, assim, a atenção do público e inviabilizando ou contendo qualquer outro avanço intelectual feminino. E eles impuseram-se de tal forma em toda a imprensa e fora dela que, durante anos, os periódicos femininos ou escassearam ou não nasceram. Assim se votaram os veiculadores do progresso ao ostracismo, sendo completamente ridicularizados e passando à invisibilidade. É o caso dos Wood e de tantos, resgatados no século XX, mas não o de Maria Amália Vaz de Carvalho, por todos venerada e com inaudita visibilidade. Aliada da Geração de 70 segue escrupulosamente todas as directivas deles. Talvez pela adesão a esta missão, a esta cruzada, a esta ideologia contra o progresso intelectual feminino defendido por muitas outras colegas, teve a oportunidade de escrever livremente nos periódicos e publicar quantos livros quis; uma excelente estratégia. Mas, diga-se, em abono da objectividade e da verdade: pensava e escrevia bem, era boa psicóloga e aproveitou e valorizou de forma magistral a história ancestral das “fragilidades femininas” para remeter as jovens aos tradicionais papéis femininos. Valia a pena desenvolver esta questão dada a importância da sua influência e intervenção na sociedade portuguesa, mas esta não é a ocasião de o fazer.

Perante esta tão negativa conjuntura, a única publicação a vir a público e apenas anualmente foi o *Almanaque das Senhoras*, propriedade de Guiomar Torrezão, 1870-1928.⁴

O facto de ter tanto poder como proprietária, editora, directora e colaboradora, de reunir todos os poderes de decisão no seu almanaque sobre editores, colaboradores, tipógrafos; sobre o formato da publicação, as litografias, os textos; sobre os locais de venda, não só em Portugal Continental, mas também nas Ilhas, Angola, Brasil, Inglaterra, Espanha, mas além-fronteiras e de modo tão provocatório irritou, por certo, e muito, os seus opositores, a Geração de 70. Nada pior para eles do que um testemunho vivo de tudo o que rejeitavam.

Graças a uma tão alargada distribuição por tantos locais temos ao dispor uma panóplia de textos de portugueses, brasileiros e africanos, sendo muitos os colaboradores dos dois sexos, ao longo de 28 anos. Com uma iniciativa ímpar e assaz corajosa promove não só o *Almanaque*, mas também a sua imagem através da divulgação de textos laudatórios recebidos de

⁴ Guiomar Torrezão, estreia-se como autora, em 1869, com o romance *Uma alma de mulher*, primeiramente publicado em folhetim em 1868, no jornal feminista *A Voz Feminina*. Livro de novelas e contos *Rosas Pálidas* (1872). Romance histórico *A Família Albergaria* (1874), *Meteoros* (1875), contos e crónicas. *No Teatro e na sala* (1881.); *Idílio à inglesa* (1886); *As batalhas da vida* (1892).

colaboradores de renome. Não se coibiu de pedir participação a um dos adversários, Oliveira Martins. Este responde-lhe, em 1885, que apesar de a aceitar como intelectual, uma excepção, não deixa de resumir perentoriamente o papel que o sexo feminino deveria ter: “de um modo sumário [...] o seu destino comum [...] é cozinhare[m] bem a panela a seus maridos, saberem lavar os filhos e remendar-lhes os calções” (MARTINS, 1885, p. 216). A panela e a agulha em vez da pena. Mas foi a primeira a imperar nesta publicação feminina contrariando esta geração.

Guiomar transgride como sempre fez no passado, num longo percurso de colaboração em muitos periódicos, inclusive nos de Francisca Wood, para além de ter sido Directora e Redactora de muitos. Terá várias polémicas, uma delas com Ramalho Ortigão nestes tempos difíceis, de guerra. Lutará pela igualdade intelectual e pelos direitos das mulheres.

Da década de 80 apenas referiremos uma outra publicação, *A Mulher*, saída semanalmente, e logo no início, em 1883-85, intitulada com os seus 103 números. Nada faria prever o arrojado da leiriense Elisa Curado que, em tempos ainda difíceis, assume a direcção da sua folha lutando desta maneira contra a maré de conservadorismo existente. Elisa faz com os textos, aqui inseridos, um compromisso entre a vertente conservadora e progressista. E se nos seus artigos defende o papel de Mãe, certo é também pugnar pela instrução das do seu sexo. A revista apresenta um leque muito variado de autores, alguns estrangeiros, outros portugueses e também de matérias que pretendem ser de carácter enciclopédico.

Mas a reivindicação básica desse jornal continua a ser a instrução e a educação femininas, na sequência das suas antecessoras, criticando os mesmos aspectos, e acusando o outro sexo do estado em que as mulheres estavam, como já tinha sido feito. Recorda e critica o papel das mulheres como musas inspiradoras, divas, criaturas passivas, portanto, espectadoras de tudo o que as rodeiam. Mas a parte mais interessante é a referente às crónicas que defendem a igualdade civil e política que inclui o voto, manifestando-se os seus autores e autoras contra a opressão. Ficamos ainda a par dos mais recentes livros, periódicos, notícias, eventos, personalidades que se distinguiram a favor da emancipação das mulheres. Escolhe as personalidades mais conhecidas como Marie Deraismes, M. Godin, Victor Hugo, Léon Richer, George Sand, Hubertine Auclert... Difunde conhecimentos, dá conselhos. Fica-se a par dos movimentos internacionais sobre a paridade. Na verdade, Elisa Curado, nesta época, deseja que as mulheres evoluam e saiam da letargia em que estavam, tal como as anteriores colegas. O objectivo é o mesmo de há décadas: consciencializar as mulheres dos seus direitos e despertá-las para a luta.

Mostra como é possível progredirem e ocuparem os mesmos lugares políticos, profissionais e intelectuais que certos homens têm há

séculos. Mas precisam de se instruir, de trabalhar muito e ter muita coragem para enfrentar todas as dificuldades.

CONCLUSÃO

A imprensa periódica, qual rede social ou internet de hoje, valiosa e imprescindível aliada das mulheres, foi um fenómeno importantíssimo por lhes abrir uma infinidade de possibilidades em áreas desconhecidas e proibidas. Acercou classes, anulou a distância geográfica, permitindo um riquíssimo intercâmbio cultural e ideológico e, neste caso, o exercício de todas as funções nos periódicos, dos mais simples como o de colaboradoras, por sinal, às centenas, aos mais complexos como proprietárias, editoras, directoras e redactoras, assumindo todos os cargos do outro sexo. Transgrediram o único género literário consentido, a poesia, e renegando as proibições existentes experimentaram todos os outros. Quiseram vulgarizar na imprensa periódica a instrução para o sexo feminino de qualquer idade; e todos os outros actos ligados ao pensamento.

Na verdade, muitas das Oitocentistas portuguesas, na continuação das suas antecessoras, perceberam imediatamente o alcance deste eficaz meio de comunicação, deste poderoso aliado. Entenderam que podiam combater o isolamento intelectual e a invisibilidade a que estiveram votadas durante séculos, saindo elas e os seus textos, as suas acções da esfera do privado. Divulgaram publicamente a nível nacional e internacional, nas publicações periódicas femininas ou não, as suas ideias e opiniões; difundiram infinitas questões e temas, até então proscritos, afinal todos e ainda puderam influenciar o público leitor de ambos os sexos. Lutaram por uma nova condição feminina, pela igualdade, por novas formas de luta e de solidariedade, congregando-se em movimentos de defesa dos direitos das mulheres ou o oposto. O intercâmbio entre vários países foi uma estratégia fundamental.

De facto, muitas mulheres mostraram não mais querer estar presas à imagem conservadora para elas criada, a de musas passivas e inspiradoras; inverteram-na e mostraram-no ao longo do século. Sempre houve conservadoras, mas, curiosamente, depois de 1870 assistimos, por parte de algumas, à defesa da subalternidade para as suas conterrâneas, mas não para elas.

Os fluxos progressistas existiram paralelamente aos dos conservadores na imprensa periódica, e ambos com múltiplas variantes de acordo com as circunstâncias, as personalidades e os grupos ideológicos dominantes; ora imperando uns ora outros, ora os dois em simultâneo, mas evidentemente com visibilidade diferente. Fizeram-se diversos caminhos ora

no sentido das ideias de D. Francisco Manuel de Melo ora no de Stuart Mill, estabelecendo-se a base de um pré-feminismo assumido, preparando o feminismo de novecentos.

Depois de algumas tentativas isoladas de afirmação das progressistas na imprensa periódica feminina, logo em 1822, salta uma ousada voz, a de Catherine de Andrada, 1836, seguida por muitas outras, assaz poderosas e afirmativas, formando um grande e decisivo coro até ao final do século; este nunca mais pararia de aumentar e de bradar as letras da mudança, da igualdade, de forma sistemática; repetiria os benefícios da transformação para todas e todos, mesmo a meia-voz, quando a isso foi obrigado, na década de 70, pela Geração que pontificava na altura. Mas na década seguinte retomariam a voz para nunca mais parar. E essa é uma das grandes diferenças dos séculos anteriores, não a luta de uma pessoa isolada, mas de muitas e com visibilidade e força; uma fantástica *sisterhood* presente, em todo o lado; uma presença que se impôs.

Fica muito por dizer desta longa e complexa história feita de múltiplas estórias de retrocessos e avanços, mas certo é as progressistas terem construído uma consistente história; as sucessoras não o desmentiram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ANDRADA, Catarina de. Correspondência extraída de O Correio de Lisboa. *O Correio das Damas*, ano 4, n. 22, p. 175, 1841.

LEAL, Ivone. *Um século de periódicos femininos: arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

LOPES, Ana Maria Costa. Apêndice, Fontes. In: *Imagens da mulher na imprensa feminina de Oitocentos, Percursos de modernidade*. Lisboa: Quimera, 2005. 673-4.

MARTINS, Oliveira. Ex.ma Senhora e minha ilustre colega. *Almanaque das Senhoras para 1885*, p. 216.

De la condition des femmes au dix-neuvième siècle. L'Abeille, n. 11, 1841. p. 501.

Data de recebimento: 28 de fevereiro de 2018

Data de aprovação: 30 de abril de 2018